



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

CONFRONTOS ENTRE CLIO E CALÍOPE: A LITERATURA PIAUIENSE DO SÉCULO XX E A INVENÇÃO DE UMA *PIAUIENSIDADE INDESEJADA* *

João Carlos de Freitas Borges **

1

A questão da identidade está em evidência no Piauí. De uns tempos pra cá, mais precisamente nesta última metade de década, o Piauí tem ocupado o cenário midiático brasileiro de forma nunca antes vista. As telenovelas globais são um exemplo interessante. As personagens da novela das sete entram em cena e começam a se expressar de forma muito peculiar. As risadas tomam conta da sala de estar da família brasileira. Donas de um sotaque totalmente atípico, e de trejeitos engraçadíssimos, uma delas é uma cantora famosa e que deu certo no “sul”. A outra é uma empregada doméstica de idiossincrasia ímpar. Elas fazem parte do núcleo cômico da novela *Cheias de Charme*¹. Há quem critique e diga “não, nós não somos assim”. Há também aqueles que se regozijam pelo simples fato do Piauí “estar no ar”. Em suma, as presenças de *Maria do Socorro* e *Chayene*, personagens vividas respectivamente pelas atrizes Titina Medeiros e Cláudia Abreu na novela, suscitam algumas questões. O que é

* Trabalho apresentado no VI Simpósio Nacional de História Cultural em Teresina-PI, em junho de 2012.

** Mestrando do programa de Pós-graduação em História do Brasil – PPGHB/UFPI e membro do Grupo de Pesquisa “História Social da Cultura: Imprensa e Literatura”.

¹ Novela de autoria de Filipe Minguez, exibida na Rede Globo no horário da 19:00h.

realmente *o piauiense*? Qual seria a forma mais adequada de representa-lo? Aliás, é possível enquadrar estes sujeitos tão heterogêneos, estes alienígenas habitantes de um mundo paralelo localizado entre a Serra da Ibiapaba e o Rio Parnaíba, em um único e homogeneizador significativo? Uma coisa é certa: A grande maioria da população que tem acesso à novela global não aprova as representações emitidas².

Desde a década de 1970 é perceptível, através dos mais diversos veículos de expressão, um esforço sistemático que visa elevar a autoestima do piauiense. Em *O Guru das Sete Cidades*, filme de 1972 dirigido por Carlos Bini, os indícios de uma vontade de engrandecer o Piauí são bem claros. O filme, que foi financiado pelo governo Alberto Silva, de certa forma, apresenta um resumo das riquezas do Estado: as belezas naturais, suas praias, o esplendor econômico de suas cidades, os modernos meios de transporte, dentre outras maravilhas.

No entanto, todas essas representações propõem um Piauí diferente do experimentado cotidianamente por seu povo, ou pelo menos pela grande maioria dele. Aliados a iniciativas como esta, podemos perceber, por exemplo, nos últimos dois pleitos do Governo do Estado do Piauí, enunciados publicitários que reforçam essa ideia. *Piauí, é feliz quem vive aqui* ou *Piauí, berço do homem americano* são os mais difundidos. Esses exemplos fortalecem a impressão de que pelo menos desde a década de 1970, o Governo do Estado já percebia a necessidade do fortalecimento ou mesmo da criação de vínculos de pertença entre o povo e o lugar. Por outro lado, se contrapondo a esses exemplos, podemos também citar a forma demasiada estigmatizadora como o Piauí é retratado na mídia local e nacional, ao ponto de muitas vezes ter sua existência questionada³.

Seguindo esta segunda tendência, desde o fim do século XIX, vários historiadores e intelectuais piauienses tentaram construir, discursivamente, uma identidade para o Estado. A partir da influência de uma escrita histórica proposta pelo IHGB, vários trabalhos apareceram tentando inserir o Piauí na História Nacional. Com a

² A matéria publicada no site <http://ai5piaui.com/index.php/27893/piauienses-reclamam-da-globo-por-causa-de-personagem-chayene/>, evidencia este fato.

³ Na década de 1960, uma crônica do Jornal *O Dia* reproduzia trechos da coluna de Nelson Rodrigues no jornal *O Globo*, onde o autor diz dentre outras coisas que pode falar do Piauí, como se falasse da lua: “Piauí não tem vida”.

Proclamação da República, intelectuais e historiadores piauienses passaram a produzir uma história que visava elucidar e justificar o atraso e as mazelas do Estado na pouca atenção que a Nação dava a ele. Nesse momento identificamos a emergência do Piauí seco, faminto e atrasado, que vai se perpetuar através de vários veículos de comunicação e expressão durante todo o século XX. Nesse sentido, a literatura se constituiu num grande instrumento de invenção deste Piauí.

É importante que se entenda que não se está colocando a literatura e a escrita histórica como os dois únicos veículos através dos quais a identidade piauiense tem sido inventada. Na verdade essa piauiensidade vem sendo forjada a partir de inúmeros fluxos discursivos que emanam dos mais diversos veículos. Muito menos se pretende colocar a identidade piauiense como algo que, atualmente encontra-se acabada, fechada em si. Pensamos a identidade como algo que está em infinito processo de construção/desconstrução. Em outras palavras, procuramos entender não apenas como vem se forjando essa piauiensidade, mas especialmente, com vêm se desencadeando os processos de piauiensização⁴. Nesse sentido, o que nos propomos a fazer neste texto é perceber qual foi a colaboração da literatura piauiense do século XX, e em especial a obra de Abdias Neves, para a construção de representações da cultura piauiense que fossem capazes de unificar, caracterizar, diferenciar e unificar os sujeitos em torno do sentimento de pertencimento a ela. Também é importante que se entenda que a escolha da literatura como veículo enunciador da piauiensidade, não se deu deliberadamente. Segundo Paul Ricoeur (RICOEUR, 1985) a

[...] identidade não poderia ter outra forma do que a narrativa, pois definir-se é, em última análise, narrar. Uma coletividade ou um indivíduo se definiria, portanto, através de histórias que ela narra a si mesma e, destas narrativas, poder-se-ia extrair a própria essência da definição implícita na qual esta coletividade se encontra. (RICOEUR, 1985, p. 432)

Apesar do perigo que corremos com a utilização da expressão *essência* presente no texto de Ricoeur, levando em consideração que o que buscamos aqui é exatamente operar a desconstrução de um possível caráter essencial dado à

⁴ Termo que se utilizará a partir de agora quando se quiser referir aos processos de identificação no Piauí.

piauiensidade, concordamos com ele e também com Hall (HALL, 2008) quando enfatizam o caráter fundamental da narrativa na construção das identidades.

Para uma abordagem concisa desta problemática utilizar-se-á as conclusões em torno das funções da literatura estabelecidas pelo poeta e crítico antilhano Edouard Glissant (GLISSANT, 1981). Para ele, nas literaturas nacionais

[...] Nhá a função de *dessacralização*, função de desmontagem das engrenagens de um sistema dado, de pôr a nu os mecanismos escondidos, de desmistificar. Há também uma função de *sacralização*, de união da comunidade em torno de seus mitos, de suas crenças, de seu imaginário ou de sua ideologia. (GLISSANT apud BERND, 2003, p. 19)

Para Glissant as literaturas atuam tanto na construção quanto na desconstrução das identidades. E é impossível, para ele, pensá-las fora desta dialética de feitura e desmanche de significados. Seguindo o raciocínio de Glissant, as identidades se forjam exatamente a partir do embate entre discursos sacralizantes e dessacralizantes. Assim, podemos identificar nos textos historiográficos citados na parte anterior, a intencionalidade da sacralização da memória e do passado mítico, nacionais e piauienses. Num movimento inverso, a literatura piauiense do século vinte operou uma espécie de movimento dessacralizador, ao ponto em que tentou a partir da exposição de fatos da “realidade” piauiense (a sofrida, a faminta e a seca), desconstruir a imagem bela e pomposa que aparecia nos textos historiográficos. Não numa atitude deliberada, como se os escritores fizessem aquilo para, conscientemente, “reinventar” o Piauí, mas numa tentativa de reclamar para o Estado um lugar mais digno dentro do quadro geral da nação.

Segundo Alcebíades Costa Filho⁵, entre o fim do século XIX e o início do século XX, já existia no Piauí, uma forte representação do Estado ligada à idéia de sertão. Um exemplo desta produção que cantava a seca, rural e bucólica vida piauiense era a poesia de Zé da Prata, famoso repentista piauiense que mais tarde seria incorporado por intelectuais letrados como José Coriolano de Sousa Lima, José Manoel

⁵ COSTA FILHO, Alcebíades. *A Geração de Crispim: um estudo sobre a construção histórica da piauiensidade*. Tese de Doutorado em História Social defendida junto ao Instituto de Ciências Humanas da UFF. 2010: 194f.

de Freitas e Hermínio Castelo Branco⁶. Além desses poetas, identificamos Francisco Gil Castelo Branco, autor de *Ataliba o vaqueiro*⁷, considerado por muitos o primeiro romance regionalista brasileiro.

Antes de se tornar romance, a obra de Castelo Branco foi publicada em folhetim no Diário de Notícias do Rio de Janeiro em 1878. O livro foi produzido no final do século XIX, quando acontecia uma das mais devastadoras secas do Nordeste. O Piauí foi duramente castigado, com levadas de retirantes esfomeados rumo ao Maranhão e Pará. A fronteira do Piauí com o Ceará foi palco de sofrimento, dor e fome de milhares de pessoas sem a assistência do poder público. O livro de Francisco Gil Castelo Branco é um romance que conta a história de Ataliba e de sua amada Teresinha, que ao fugir da triste seca que castigava o Piauí, acabam morrendo. Em inúmeros momentos, a prosa típica do romance dá lugar ao verso, e é no canto dos retirantes que o autor deixa transparecer o Piauí ao qual seus olhos eram sensíveis.

Cava, cava ó caçador,
um poço para beber
o gado dessa fazenda
que da seca vai morrer

A chuva não quer chover,
nem a desgraça parar!...
os campos ficaram secos
o riacho vai secar.

[...]

A mata ficou sem sombra,
a mata sem plantação,
a caça foge assustada
da fome do meu sertão.

[...]

Aqui não poço ficar,

⁶ Deste último destaca-se a obra: CASTELO BRANCO, Hermínio. *Lira Sertaneja*. Teresina: APL: Projeto Petrônio Portela, FUNDEC, 1972. ; dos dois anteriores não existem obras publicadas. Apenas poemas isolados publicados em periódicos e jornais e algumas informações biográficas encontradas em FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses – apontamentos biográficos*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1998.

⁷ CASTELO BRANCO, Francisco Gil. *Ataliba o vaqueiro*: Hermione e Abelardo, a mulher de ouro. Teresina: Convênio APL/UFPI. 1993

mas fica meu coração!
vou-me embora pra longe
das terras do meu sertão.⁸

É a partir deste novo Piauí cantado pela literatura, com imagens fortes de pobreza, miséria e fome, diferente daquele pomposo e belo, povoado por homens corajosos como os da batalha do jenipapo, cantado pela historiografia local, que se procurará marcas da invenção da piauiensidade. Nesta parte do trabalho explorar-se-á a construção dos signos da fome, da seca e da miséria piauienses em duas obras literárias piauienses do século XX. São elas: *A Guerra do Fidié* (1907), e *Um Manicaca* (1909) de Abdias Neves.

ABDIAS NEVES: O PIAUIENSE E UM MANICACA

Filho de modesto empregado público, Abdias Neves, como geralmente se assinava, nasceu em Teresina em 1876. Seus pais: João da Costa Neves e Delfina Maria de Oliveira. Estudou seus primeiros anos no Liceu Piauiense e bacharelou-se em Recife, em 1898. Dentro de três décadas – 1898/1928 - formatura e morte - Abdias Neves foi político, professor, poliglota, mas, acima de tudo, homem de letras: romancista, poeta, jornalista e historiador.

Abdias Neves tem uma trajetória pública parecida à de muitos intelectuais políticos que fizeram fama na República Velha, mas que terminariam suas vidas, afastados do cenário político. A maioria de seus biógrafos apresenta-o como um injustiçado, um defensor do Estado que morreu pobre e esquecido, envolto num inexplicável ostracismo. Esta imagem-memória comum a muitos literatos e intelectuais piauienses da República Velha é amplamente reproduzida e constitui um modo de compensar trajetórias pessoais de homens de letras que decidiram viver no Estado e não tiveram merecido destaque no cenário nacional, mesmo se galgassem altos cargos na República, como Abdias, como afirma Souza⁹.

⁸ CASTELO BRANCO, 1973, p. 74

⁹ SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e Identidade: as Narrativas da Piauiensidade*. Teresina: 2010. 470p

Um Manicaca, seu único romance de costumes e tipos piauienses, parte do objeto deste trecho, foi escrito entre 1901/1902; por dificuldades financeiras, publicado em 1909. Nesse romance, o escritor viveu a sua inteligência, sendo um espectador da realidade daquela época. Os tipos que criou vieram da terra, da vida simples, bonachona, libertos da tirania dos modelos acadêmicos e retratados com as tradições sertanejas. Como poeta, escreveu *Velário*, inédito, livro todo iriado de imagens. Parnasiano, ortodoxo, idolatrava a forma, mas não era escravo das condições disciplinadoras da arte de seu tempo. Manejava o verso com maestria. As rimas estampam as emoções sentidas pelo poeta, pois, como ele mesmo dizia, “poesia é revelação de arte, é dar vida à obra”.

Como historiador, as principais obras de Abdias Neves foram: *A Guerra do Fidié* (1907), *O Brasil e as esferas de influência na conferência da paz* (1919); *Aspectos do Piauí* (1926); *Imunidades Parlamentares*; *Psicologia do Cristianismo*; *Moral Religiosa*; e *Regime Municipal* (1926).

Em *A Guerra do Fidié* (1907), Abdias Neves solidifica o papel de historiador preocupado com a verdade histórica e mostra paciência e compromisso na elucidação de fatos controversos, pois busca argumentar usando documentos. Além disso, é nessa obra, publicada antes de *Um Manicaca*, que o autor deixa clara a sua posição em torno do que era o “ser piauiense”. O livro é um relato em vinte e cinco capítulos, que destaca a vinda de João José da Cunha Fidié¹⁰ para o Brasil. E o que merece mais destaque é o capítulo XX, em que o autor procura definir *o piauiense*¹¹.

O piauiense é um tipo essencialmente firme nas convicções, constante nos hábitos, moderado nos impulsos. Não é reformador, nem sofre arrebatamentos. É um reflexo do meio.

O Piauí, com efeito, nada oferece de notável em seu aspecto físico: as terras, as baixas, correm sem um relevo orográfico de importância. Não mostram nem variações bruscas de paisagens nem alternativas frequentes de matas e várzeas: quase sem interrupção se estendem as chapadas, monótonas na sua uniformidade, eternamente as mesmas,

¹⁰ O livro em questão trata da Batalha do Jenipapo, que ocorreu no norte do Piauí, às margens do rio Jenipapo, e foi travada entre tropas brasileiras e portuguesas, estas, sob o comando do Sargento-Mor português João José da Cunha Fidié, que teria lutado contra Napoleão nas “Guerras Peninsulares” e que viria aquele momento ao Piauí, para conter os ímpetus emancipatórios existentes por aqui. (SOUZA, 2010, p. 260)

¹¹ Título original do capítulo XX de *A Guerra do Fidié*.

com uma vegetação raquítica, aberta e inconstante, que se estende até onde o olhar se cansa e tudo se confunde num cinto escuro que aperta o horizonte

Às vezes algumas léguas de várzeas, mais tristes e monótonas, ainda na repetição sem fim dos carnaubais.

De matas, só existe uma ligeira faixa que acompanha a bacia do Parnaíba e de alguns dos seus afluentes e se bifurca perto da foz do Longá, avançado ao rumo de Itamarati¹² em ângulo agudo.

[...]

Tudo aqui é uniforme.

[...] De irrequieto, corajoso, aventureiro e esforçado, fizeram-no o calor, a facilidade dos meios de subsistência e a vida monótona das fazendas, um temperamento morno, um caráter passivo, um tipo indolente.

Montesquieu já dizia que o calor definha o corpo e entorpece a vontade: é certo. Ele entorpeceu a vontade do nosso sertanejo, fê-lo fraco no querer e tardo no agir. (NEVES, 1985 [1907], p. 215-216)

Nestas palavras Abdias Neves deixa claro o seu posicionamento enquanto intelectual: positivista, naturalista e evolucionista. Na citação o autor faz questão de demonstrar o quanto o clima e a natureza influenciaram na constituição idiossincrática do sujeito piauiense. Algo muito parecido com o que Euclides da Cunha fizera em *Os Sertões*¹³, quando atrelava a preguiça e a falta de sucesso de alguns personagens às condições geo-ambientais em que viviam, como se as identidades e a forma de ser dos sujeitos fossem determinadas pelas condições espaciais que vivenciam. Nesse sentido, Abdias via um Piauí que era atrasado feio e tosco em função das condições climáticas e ambientais que não deixavam que ele se desenvolvesse, e que, portanto, o Estado demandava de uma atenção maior por parte da Nação. A queimada, a pouca água, e as poucas matas deste sertão eram a matéria-prima a partir da qual havia se forjado o mais preguiçoso, morno, indolente e acomodado dos seres: o Piauiense.

Por sua vez, em *Um Manicaca*, Abdias Neves foca-se na crítica social característica de sua época. É como se em sua literatura, Abdias Neves quisesse preencher as lacunas que a história oficial havia deixado. Como se ele se valesse da liberdade oferecida à literatura, e até certo ponto negada pela seriedade da história, para

¹² Atual cidade de Pedro II.

¹³ CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. Rio de Janeiro. Ed. Ouro, s.d.p.

denunciar fatos um tanto quanto obscuros da vida cidadina teresinense. Nesta obra o autor insere temas como os costumes de Teresina no fim do século XIX, os festejos da padroeira, as festas juninas, as comemorações de aniversário, os namoricos e os casamentos da época, para através deles fazer uma crítica altamente referencializada ao clero e à hipocrisia vivenciada pela sociedade teresinense de então.

O autor evidencia a vida cotidiana ainda rural de Teresina, com as fofocas, os preconceitos e os tabus característicos da época. Acompanhando este provincianismo onde prevaleciam a falsa aristocracia e a falsa moral, a Igreja se colocava como a grande detentora do domínio social local. A partir deste contexto o autor inicia uma narrativa típica da escrita naturalista, onde os sujeitos são sempre o resultado direto da natureza que os abriga. Assim, nesta mistura de crítica social e naturalismo, aparecem sujeitos muito peculiares, como homens típicos, padres que se intrometem na vida dos outros, adúlteros, mulheres esfomeadas por sexo, solteironas, etc. O relacionamento desta temática citada com a seca e a miséria é o que nos interessa nesse momento. Segundo Silva¹⁴:

9

Problemas sociais, geográficos e políticos caracterizam a temática do regionalismo nordestino, quer na fase realista-naturalista, quer na modernista, sendo que, nesse contexto, o fenômeno da seca é retratado, considerando as conseqüências humanas e sociais que acarreta. As questões sociais e, principalmente, da condição humana emergente das estiagens constantes, vividas pelo homem nordestino, somadas a outros problemas peculiares à região: o banditismo e o misticismo são exemplos aproveitados pela literatura e pela política, na primeira como temas ficcionais; na segunda, como trampolim para políticos. (SILVA, 2005, p. 139-140)

A seca é inserida na obra de Abdias Neves a partir de Júlia, umas das principais personagens do romance, que chega a Teresina, com seu pai Pedro Gomes e sua mãe, fugindo da fome e do flagelo do sertão. A descrição do espaço vivido pelas personagens evidencia a enunciação da miséria piauiense, objeto deste trecho:

Corria o ano de 1878 e a seca chegara ao seu período mais agudo, quando, famintos, andrajosos e doentes, chegaram aqui Pedro Gomes, a mulher e uma filhinha – a Júlia.

¹⁴ SILVA, Raimunda Celestina Mendes da. *A representação da seca na narrativa piauiense: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Caetés, 2005.

Foram os mais horríveis que se podem imaginar os primeiros meses da permanência em Teresina [...] As comissões encarregadas da distribuição, entretanto, exploravam a situação tirando lucros imprevistos da miséria dos retirantes. [...]

Manhãs cedo, apareciam nas calçadas, criancinhas expostas, envoltas em sujos farrapos, - umas hirtas, com a pele arroxeadada, olhos azuis, que a morte deixara abertos, volvidos para o céu na ânsia do supremo desespero; outras vivas, ainda esvaindo-se num choro doentio, baixinho agitando no ar os braços esqueléticos.

Fora esse tempo que Pedro Gomes chegara, aboletando-se num casebre abandonado [...]. (NEVES, 2000 [1909], p.33-34)

Abdias Neves aborda a temática da seca e de suas consequências em três capítulos, e a descrição acima marca o caráter naturalista-determinista de sua obra, onde os problemas sociais da Teresina do fim do século XIX são diretamente atrelados, pelo autor, às condições ambientais em que viviam as personagens. Neste sentido *Um Manicaca*, pode ser considerado o marco inicial da enunciação do Piauí seco no romance piauiense do século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras artes*. 3ª Ed. Recife: Edições Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

CASTELO BRANCO, Hermínio. *Lira Sertaneja*. Teresina: APL: Projeto Petrônio Portela, FUNDEC, 1972.

COSTA FILHO, Alcebiádes. *A Geração de Crispim*: um estudo sobre a construção histórica da piauiensidade. Tese de Doutorado em História Social defendida junto ao Instituto de Ciências Humanas da UFF. 2010: 194f.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. Rio de Janeiro. Ed. Ouro, s.d.p.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GELLNER, E. *Nations and Nationalism*. Oxford: Blackwell, 1983.

GLISSANT, Édouard. *Traité du Tout Monde* (Poétique IV). Paris: Gallimard, 1997.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005a.

NELSON RODRIGUES e o Piauí. *O Dia*, Teresina, nº 2.683, p.8,22 de mar. 1969

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

NEVES, Abdias. *A guerra do Fidié*. 3ª Ed. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

_____. *Um Manicaca*. 3ª Ed. Teresina: Corisco, 2000[1909].

RENAN, Ernest. *O que é uma nação?* Tradução Glaydson José da Silva, Documentos, *Revista Aulas*, Portal Unicamp, v.1. Unicamp, 2002.

RICOEUR, Paul. *Tempstrécit*. Paris: Seuil, 1985.

SILVA, Raimunda Celestina Mendes da. *A representação da seca na narrativa piauiense: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Caetés, 2005.

SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e Identidade: as Narrativas da Piauiensidade*. Teresina: 2010. 470p.